

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- COELHO, Flora Simonetti & SILVA, Affonso da. *Gramática Latina*. Rio de Janeiro: Editora Ágora da Ilha, 1999.
- SEABRA FILHO, José Rodrigues & CHACHINI, Rogério Cangussu Dantas. *O Latim e o Texto Jurídico*. Campinas/ São Paulo: Bookseller Editora e distribuidora, 2005.
- GARCIA, Washington. *Phrases Latinas*. Rio de Janeiro: São Benedicto, 1929.
- MAGALHÃES, José de Oliveira. *O latim no Direito*. Rio de Janeiro: Principia n. IV. 1999, p. 40 a 45.
- RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha & SIMONETTI, Flora. *Gramática Latina para Seminários e Mosteiros*. Vol 1. Rio de Janeiro: Edição dos Autores. 2007.
- RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. *Por que estudar o latim no Direito e nas Universidades*. Rio de Janeiro: Principia n. IX. 2002, p. 66-68.
- \_\_\_\_\_. *A relevância do estudo do latim para a cultura ocidental*. Rio de Janeiro: Principia n. III. 1998. p. 77-83.
- ROSA, José Ricardo da Silva. *Latim Instrumental*. Rio de Janeiro: Didática Momento, Vol. 1, 1983.
- SPALDING, Tassilo Orpheu. *Guia Prático de Tradução Latina*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- VICTORIA, Luiz A. P. *Dicionário de Frases, Citações e Aforismos Latinos*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1956.
- XAVIER, Ronaldo Caldeira. *Latim no Direito*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

#### A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO DA LÍNGUA GREGA E O SEU ENSINO NAS INSTITUIÇÕES TEOLÓGICAS

Prof.<sup>a</sup> Ms. Luciene de Lima Oliveira (UFRJ)

#### RESUMO:

O presente artigo tem por escopo tecer considerações a respeito de qual é a importância de se conhecer a língua original em que foi escrito o *Novo Testamento* e o seu ensino nas instituições teológicas.

**Palavras-chave:** grego; teologia; exegese; hermenêutica.

Antes de tudo, deve-se destacar que a Bíblia Sagrada é considerada, entre os cristãos, como o livro mais importante do mundo, possuidora de valores éticos, de profunda riqueza espiritual e histórica.

A Bíblia apresenta, no total, sessenta e seis livros - trinta e nove *veterotestamentários* e vinte e sete *neotestamentários* - na Bíblia utilizada pelos protestantes, e setenta e três livros - quarenta e seis *veterotestamentários*<sup>1</sup> e vinte e sete *neotestamentários* na Bíblia utilizada pelos católicos. Livros esses escritos num período de dezesseis séculos, não sendo elaborado, portanto, da noite para o dia.

Seus escritores viveram em circunstâncias históricas e culturais diversas, pertenciam a mais diversas profissões: Moisés foi príncipe e legislador (Êxodo 2: 1-10), Josué, comandante (Josué 1:1-9), Davi e Salomão, reis (II Samuel 2: 1-7; I Reis 1: 32-40), Daniel, chefe de Estado (Daniel 2: 48-49), Zacarias e Jeremias, sacerdotes e profetas (Zacarias 1: 7; Jeremias 1: 1-7), Pedro, Tiago e João, pescadores (Marcos 1: 16).

Não obstante, há também variados gêneros literários encontrados na Bíblia: epístola, biografia, poesia, história, drama etc. Etienne Charpentier pontua que:

(...) os livros da Bíblia são diversos e utilizam diferentes gêneros literários, porque exercem uma função diferente: instrução do povo por meio de relatos, sínteses de história; sua organização por meio de leis (...)  
(CHARPENTIER, 1981, p. 72).

O *Novo Testamento* como um todo e a maioria das obras dos autores cristãos - sejam eles Apologetas ou Padres da Igreja Oriental, renomados oradores eclesiais ou poetas - utilizaram a *Koiné Helenística*<sup>2</sup>, para que penetrassem na massa de populações a serem convertidas ou doutrinadas em uma época que se seguiu à atividade apostólica dos doze discípulos<sup>3</sup> (HORTA, 1988, p. 85).

Pode-se considerar o latim e o grego como dois idiomas que são considerados como veículos “multisseculares da transmissão das tradições e da doutrina religiosas, constituindo-se nas duas línguas litúrgicas do Cristianismo” (HORTA, 1988, p. 82).

Cristina Mohrmann sublinha que “a *koiné* grega foi a primeira língua ecumênica que serviu de intérprete ao pensamento cristão através do mundo antigo” (apud ELIA, 1979, p. 55), afinal, foi a língua da evangelização cristã.

A propósito, é bem verdade que o latim não constitui uma língua original bíblica, como o é o hebraico (língua original do *Antigo Testamento*, apesar de haver trechos em aramaico, sobretudo, em Esdras 4: 8 a 6: 18; 7: 12-26; Daniel 2: 4 a 7: 28; Jeremias 10: 11) e o grego (língua original do *Novo Testamento*, conforme já foi mencionado), mas influenciou o léxico do grego bíblico<sup>4</sup>.

Aliás, a língua grega também influenciou o vocabulário do latim dito cristão, assim, tem-se empréstimos linguísticos do grego *koiné* para o latim ‘cristão’: *apostata, apostolus, baptizo, catechumenus, diaconus, episcopus, angelus, charisma, evangelium, martyr, anathema* etc.

Certos livros do *Novo Testamento* grego estão num nível literário maior do que outros, assim, há livros mais bem elaborados do ponto de vista da estilística e das construções sintáticas como *Hebreus, Atos, Lucas* e *Tiago*, e aqueles que estão escritos num nível mais simples como o *Apocalipse* e as epístolas I, II, II de João (OLIVEIRA, 2008a, p. 27).

Sublinhe-se que o *Antigo Testamento* foi traduzido do hebraico (com passagens em aramaico) para o grego *koiné* no Egito, na segunda metade do século III a.C., sob o governo de Ptolomeu II *Filadelfo*. A tradução *veterotestamentária* foi denominada de *Septuaginta*. A propósito, a versão grega das *Escrituras Hebraicas* entre muito popular entre os judeus nos primórdios do Cristianismo.

Convém lembrar que a *Koiné* assimilou vários vocábulos estrangeiros em sua difusão pelas ‘*regiões helenizadas*’. Encontra-se, então, na *Koiné Neotestamentária*<sup>5</sup>, certos ‘estrangeirismos’, isto é, vocábulos que não têm sua origem no idioma helênico, mas que entraram no léxico dialetal do *Novo Testamento* por ‘empréstimos linguísticos’. Então, atestase, nos escritos neotestamentários, palavras e expressões de origens latinas, hebraicas, aramaicas (cf. ‘*latinismos*’, ‘*hebraísmos*’ e ‘*aramismos*’), egípcias, indianas, macedônias, fenícias, árabes e persas; numa espécie de ‘integração sócio-linguística-cultural’ entre gregos, romanos, hebreus, arameus, egípcios, indianos, macedônios, fenícios, árabes e persas. (OLIVEIRA, s/d, p. 169).

Como pontua o bispo Antônio Miranda:

*É que, conquanto escrevessem no grego, os autores eram hebreus, e como tais pensavam, traduzindo em grego, às vezes a letra, as expressões de sua língua. É preciso ter em conta este pormenor ao ler o texto grego da Bíblia, para se entender não poucas expressões, que podem ser chamadas hebraísmos ou aramaísmos bíblicos. (MIRANDA, 1985, p. 52)*

Assim é que toda obra seja literária, teológica, poética e historiográfica, tem, em sua língua original, particularidades, belezas, sutilezas. Afinal, partindo do texto original, tudo fica mais claro, mais natural.

É extremamente importante o conhecimento do vocabulário, da gramática, da estrutura da passagem bíblica, dos tempos verbais e seus aspectos, dos conectivos, da sintaxe e da morfologia. Enfim, deve-se dar valor aos mínimos detalhes gramaticais, não desprezando o contexto da passagem bíblica, para que não haja análises isoladas de versículos fora de seu texto e contexto linguístico.

Denomina-se *texto* às informações, aos vocábulos contidos numa determinada passagem. É bom ter em vista que o texto bíblico possui dois sentidos: o literal e o figurado (sendo um fato comum na Bíblia com seus simbolismos e ritos). Já, o *contexto imediato* é a parte anterior e posterior do texto em foco. Uma determinada passagem bíblica pode possuir, ainda, um *contexto remoto* que é a parte que fica distante do texto em questão, mas que tem ligação com ele.

Ressalte-se que o conhecimento do grego auxilia na *exegese* e na *hermenêutica*. A *exegese* é o estudo minucioso, profundo e sério da Bíblia com o objetivo de alcançar o verdadeiro significado vocabular do texto original. A *exegese* é a primeira tarefa do hermenêuta, diga-se intérprete. A *hermenêutica bíblica* - denominada também de *ciência da interpretação bíblica* - é a disciplina que oferece princípios, regras e leis de interpretação, sendo que o principal princípio é atingir o “sentido claro, exato do texto bíblico original”.

O vocábulo *hermenêutica* vem do adjetivo triforme grego *hermeneutikós, -é, -ón*, e significa, literalmente, “aquilo que é relativo à

interpretação, à explicação”. Salienta-se que essa palavra tem ligação semântica com o deus Hermes, o porta-voz e o mensageiro dos deuses gregos (HOMERO. *Odisseia* I, 40-43; V, 28-80)<sup>6</sup>.

De acordo com o teólogo Stein, cada autor bíblico escreveu seu texto com o objetivo de ser compartilhado e compreendido por outras pessoas, “submetendo-se, propositadamente, às convenções e à compreensão da linguagem de sua época” (STEIN, 1999, p. 33).

O pesquisador, que domina o grego, tem à sua disposição toda uma gama de possibilidades de tradução com os vocábulos do original, mas cada palavra empregada pelo autor possuía um real significado.

Não obstante, é de suma importância saber, qual era a intenção do autor, não impondo o tradutor seu próprio significado. Já que o tradutor/pesquisador nunca possuiu contato direto com os escritores, é imprescindível o conhecimento de seu contexto histórico, sua argumentação, sua história que, com certeza é diferente, pois séculos separam o escritor original do tradutor/pesquisador.

Ao se ter o conhecimento de uma língua original de uma determinada obra, pode-se fazer avaliações a respeito de inúmeras traduções existentes, tem-se a possibilidade de conferir tudo no original em caso de dúvidas sobre coisas específicas.

O conhecimento do grego por parte de pesquisadores faz com que esse tenha acesso a grandes literaturas teológicas que fazem referências diretas a termos helenistas teológicos em seus escritos. Sublinhe-se que determinadas mudanças semânticas são dignas de nota, principalmente, no grego do *Novo Testamento*, citem-se, por exemplo:

- 1) **agápe/ agapáo** - Muitas vezes, significando o “amor incondicional de Deus pelo ser humano” (*João* 3: 16; *Romanos* 5: 8).
- 2) **kháris** - A “graça, o favor imerecido de Deus” (*Atos* 14: 26), incluindo a misericórdia, o prazer e a alegria redentora que Deus oferece aos seus eleitos.
- 3) **euangélion** - “As Boas Novas” do Reino de Deus e da salvação através de Jesus Cristo com base em Sua morte expiatória, ressurreição e ascensão (*Atos* 15: 7; 20: 24).
- 4) **parousía** - Termo principal para aludir não, somente, à vinda de Cristo à terra no arrebatamento da Igreja, mas também à Sua presença com eles (*I Coríntios* 15: 23; *I Tessalonicenses* 4: 15).
- 5) **ekklesía** - Vocábulo que denota os redimidos do Senhor ao longo de toda a Era (*Mateus* 16: 18), a igreja que é o “Corpo de Cristo” (*Efésios* 1: 22, 23).
- 6) **logos** - O Verbo Encarnado que se fez carne, em uma alusão a Jesus Cristo (*João* 1: 1).

7) **rhêma** - A Palavra de Cristo, isto é, a “Palavra de Poder” que prega a Cristo (*Romanos* 10: 17).

8) **koinonía** - Vocábulo que denota as experiências e os interesses comuns dos cristãos (*Gálatas* 2: 9).

9) **katargéo** - A inatividade das obras de Satanás através da morte de Cristo na cruz do Calvário (*Hebreus* 2: 14).

10) **Sotér** – O seu significado é “Salvador, Libertador, Preservador, Conservador”, uma vez que Jesus dá “a todos a vida, a respiração e todas as coisas” (*Atos* 17: 25); Jesus é o Sustentador da Igreja, que é o “corpo de Cristo” (*Efésios* 5: 23).

11) **Hagiasmós** – “Santificação”, este vocábulo é utilizado para aludir a “separação para Deus”, em uma vida sem pecados (*I Coríntios* 1: 30; *II Tessalonicenses* 2: 13). Sublinhe-se que o Espírito Santo é o Agente na santificação (*Romanos* 15: 16; *I Pedro* 1: 2).

Convém lembrar que até nas capas das *Escrituras* tem-se um nome do original grego !. O vocábulo Bíblia provém de um nome que os gregos chamavam a um rolo de papiro (que podia ter até 10 m de comprimento) – *bíblōs* - que era preparado para a escrita. Ressalte-se que um rolo pequeno de *bíblōs* designava-se *bíblion*; já vários desses rolos, *bíblia*. Assim, o significado literal de *bíblia* é “coleção de livros pequenos”. Apesar de *bíblia* ser um vocábulo grego neutro no plural, passou para a língua portuguesa como sendo um singular, pois, teologicamente, Bíblia significa, o “Livro dos Livros”, o “Livro por Excelência”.

A propósito, os antigos não chamavam os *escritos sagrados* de Bíblia, mas foi João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla, quem, primeiramente, começou a designar as *Escrituras* de “Bíblia” no século IV.

Pontua-se que, nos dias de Jesus, os ‘rolos’, *bíblia*, que continham os escritos sagrados dos judeus, denominavam-se de *hai graphai*, “As Escrituras” (*Lucas* 24: 27; *João* 5: 39), “A Palavra de Deus” (*Marcos* 7: 13) ou “Oráculos de Deus” (*Romanos* 3: 1-2) com a sua tríplice divisão: Lei, Profetas e Salmos (*Lucas* 24: 44).

Se houve a preocupação dos eruditos em dividir a Bíblia em capítulos (divisão essa realizada pelo abade dominicano e cardeal Hugo de Saint Cher no ano de 1250) e em versículos (a divisão em versículos do *Antigo Testamento* foi realizada em 1445 pelo rabi Nathan e a divisão do *Novo Testamento*, por Robert Stevens em 1551), se o *cânone neotestamentário* foi produto de um processo que se estendeu por vários séculos, fruto de um trabalho árduo e minucioso de teólogos, por que não, atualmente, ter a preocupação de encorajar, persuadir e entusiasmar líderes ao ministério eclesiástico ou simples leitores e admiradores da Bíblia a saber as línguas originais ?.

Recordai os cristãos de Beréia que examinavam as escrituras, para ver se a pregação de Paulo e de Silas estava de acordo com os seus *escritos sagrados* (Atos 17: 10-11).

Há determinados versículos que são utilizados por aqueles que são contra a cultura, a instrução; tomam, por exemplo, I Coríntios 2: 11 e I João 2: 27, para defenderem suas opiniões. É bem verdade que, de acordo com a narrativa bíblica, um pré-requisito importante para se compreender as coisas de Deus, é ter o Espírito de Deus (cf. I Coríntios 2: 11) e, além do mais, o cristão selado com o Santo Espírito, não precisa de ninguém para ensiná-lo (cf. I João 2: 27). Todavia, percebe-se que tanto o apóstolo Paulo, quanto João estão se referindo à mensagem, à revelação divina contida no texto. Destaca-se que não é o fato da pessoa desconhecer as línguas originais que não compreenderá a revelação, a mensagem que Deus tem para cada ser humano. Deve-se compreender o que é texto e o que é mensagem, isto é, compreensão da revelação divina.

Há faculdades e seminários que apresentam, em seu curso teológico, uma boa base de língua grega. Não obstante, infelizmente, hoje, em certas instituições teológicas não se tem, ao menos, em sua grade curricular, a disciplina de língua grega. E, ainda, quando possuem, oferecem apenas um curso rápido de poucas aulas que só dá tempo para o docente apresentar o alfabeto e simples transcrições latinas. Todavia, o professor de grego se depara com certos obstáculos como a falta de apoio da administração e da indisposição de determinados discentes que pensam: “Se existe a tradução da Bíblia para a língua portuguesa, por que estudarmos grego?”.

O professor deve entusiasmar, motivar o aluno, simplificar aqueles conteúdos pragmáticos considerados complicados, ter uma didática que facilite a aprendizagem do discente, pois não adianta muita coisa em dominar muito um determinado assunto e não saber transmitir seus conhecimentos. Pontua-se que a experiência, em sala de aula no decorrer dos anos, ajuda muito a se ter um domínio mais sólido da matéria.

É tarefa do docente fazer com que o estudar grego deva ser não mais um fardo, mas algo prazeroso. Além do mais, ao se estudar o grego, o aluno tem possibilidades de enriquecer o seu léxico na língua portuguesa, uma vez que muitos vocábulos gregos, ou simples prefixos e sufixos gregos se encontram em português. O aluno entende, assim, que a língua grega não é tão distante da língua materna deles quanto parece. É a língua grega, então, servindo como um poderoso veículo linguístico para o aprofundamento do léxico da língua portuguesa.

Como se infere desse estudo, é importante conhecer a língua grega ou possuir preciosas noções do mesmo para se ter um conhecimento mais sólido do texto original em questão. Não é bom fazer uma análise superficial

do texto bíblico, por falta de conhecimento da cultura bíblica em geral, nem ignorar os fatos e circunstâncias que a cercam.

Para tal, a hermenêutica oferece certas regras básicas: conhecer a tradição, a história, a intenção do escritor, ou seja, “o que o escritor quis dizer com isso?”, enfim, é preciso entender o texto teológico, tornando-o compreensivo à situação contemporânea.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

##### DOCUMENTAÇÃO TEÓRICA

- BAYLLE, Anatole. *Dictionnaire Grec-Français*. Ed. Revista por L. Séchan e Chantraîne. Paris: Hachette, 2000.
- CHANTRAÎNE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque – Histoire des Mots - Tome I, II, III, IV*. Paris: Klincksieck, 1968-1981.
- CHARPENTIER, Etienne. *Para Uma Primeira Leitura da Bíblia*. Tradução de Padre José Raimundo Vidigal. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.
- FERGUSON, John. *A Herança do Helenismo*. Antônio Gonçalves Mattoso. Lisboa, Portugal: Editorial Verbo, 1973.
- HORTA, Guida Nedda Barata Parreiras. Helenismo e Cristianismo. **Calíope – Presença Clássica**. Rio de Janeiro, nº 7, p. 81-93, julho / dezembro, 1988.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, 1992.
- LÉVÊQUE, Pierre. *O Mundo Helenístico*. Tradução de Teresa Meneses. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1987.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. Edições Paulinas. São Paulo: 1983.
- MIRANDA, Antônio Afonso de. *Conversando Sobre a Bíblia*. Editora Santuário. Aparecida - São Paulo: 1985.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os Limites da Helenização*. Tradução de Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- OLIVEIRA, Luciene de Lima. *Gramática de Grego Bíblico – Neotestamentária – Tomo I*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2008a.
- \_\_\_\_\_, Luciene de Lima. *A Septuaginta – Uma Herança Alexandrina Até Os Nossos Dias*. **Principia**. Rio de Janeiro, v. XVI, p. 115-122, 2008c.
- \_\_\_\_\_, Luciene de Lima. *Estilística Retórica & ‘Estrangeirismos’ na Koiné Neotestamentária*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, s/d.
- SILVA, Antônio Gilberto da. *A Bíblia Através dos Séculos*. Rio de Janeiro: CPAD, 1979.
- STEIN, Robert. *Guia Básico Para a Interpretação da Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- VINE, W. E. *Dicionário Vine: O Significado Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

##### DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

- Antigo Testamento Poliglota: Hebraico, Grego, Português, Inglês*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2003.
- Bíblia de Estudo de Genebra*. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo:

Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

*Novo Testamento Interlinear: Grego - Português*. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

NOTAS:

<sup>1</sup> Os sete livros a mais – Tobias, Judite, I e II Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico e Baruc – que se encontram no *Antigo Testamento* são denominados de *Deuterocanônicos*. Esses são utilizados por um grande número de cristãos, todavia, são considerados *apócrifos* no Judaísmo e Protestantismo. Ressalte-se que encontra-se também dentro de livros canônicos como, por exemplo, Ester e Daniel, determinadas adições.

<sup>2</sup> Sublinhe-se que o dialeto ático, agora, com formas jônicas e com várias expressões da linguagem corrente, denominou-se de *hē koinè diálektos*, isto é, a “língua comum” que também recebe a denominação de “*Koiné Alexandrina ou Helenística*” (OLIVEIRA, 2008a, p. 26).

<sup>3</sup> Costuma-se datar o *Período Helenístico* a partir das conquistas do macedônio, Alexandre Magno (336 a.C.) até o domínio romano da Grécia (146 a.C.). A propósito, Finley sublinha que foi, no *Período Helenístico*, que a civilização grega se expandiu para leste, de onde a aristocracia greco-macedônia governava grandes territórios do Próximo Oriente, sob o domínio de monarcas absolutos (FINLEY, 1963, p. 26).

<sup>4</sup> Todavia, não se deve esquecer da existência da versão latina da Bíblia, muito famosa, – a *Vulgata* – feita por Jerônimo em 387-405 d.C. Ele traduziu o *Antigo Testamento*, diretamente, do hebraico e o *Novo Testamento*, do grego.

<sup>5</sup> Na *Koiné Veterotestamentária* também há ‘estrangeirismos’.

<sup>6</sup> Lembrai que os moradores de Listra acharam que Paulo fosse Hermes, uma vez que ele “liderava a palavra” (Atos 14: 10-12).

## A TARPEIA EM TITO LÍVIO E PROPÉRCIO -UM ESTUDO COMPARATIVO

Prof. Me. Marco Antonio Abrantes de Barros Godoi (UERJ)

### RESUMO:

Estudo comparativo entre a Tarpeia de Tito Lívio e a de Propércio, duas formas de narrativas, dois discursos literários que apresentam suas versões do fato lendário dos primórdios de Roma. Cada um dentro da proposta de seus gêneros literários.

**Palavras-chave:** Tarpeia, Tito Lívio, Propércio, discurso lírico, discurso historiográfico.

#### I- Introdução:

Pretendemos aqui fazer um estudo comparativo entre a Tarpeia de Tito Lívio e a Tarpeia de Propércio. Primeiramente apresentaremos a estrutura mínima deste mito, que narra a história de uma sacerdotisa de Vesta, presente nos dois autores e verificaremos os pontos de encontro entre ambas. Em seguida faremos uma análise da estrutura narrativa, tendo em vista que cada discurso representa uma estrutura de gênero diferente: Tito Lívio é o discurso da historiografia e Propércio é o discurso da poesia lírica.

#### II- Estrutura básica do mito:

Tarpeia, tanto em Tito Lívio quanto em Propércio, é uma Vestal, isto é, sacerdotisa de Vesta, cuja obrigação religiosa era de manter o fogo sagrado à Vesta aceso. Este sacerdócio também abarca o voto de castidade por trinta anos. Tarpeia se enquadra, por causa do sacerdócio, num papel social que remete a símbolos de castidade, pureza, auto-controle, frugalidade e dedicação plena ao papel de sacerdotisa. Em ambos os autores ela comete o crime de desvio destas funções simbólicas a que está sujeita. Cada autor justifica o seu desvio, mas isto trataremos na segunda parte.

Tarpeia, ao ser tocada por seu desejo, parte para a ação, esta ação é a causa de sua morte. A sua ação subversora a coloca como símbolo, na sociedade romana, de uma traidora, traidora do seu sacerdócio e traidora da pátria, ao abrir as portas da fortaleza de Roma para o inimigo.

Em ambos os autores a subversora Tarpeia é condenada a morte por parte dos Sabinos, que a julgam e a matam no ato de sua traição. Embora a morte em cada narrativa tenha uma descrição diferente, a *causa*